

UM OLHAR PARA A VOCALICALIDADE PERFORMATIVA NOS AXÉS/KORIN DE OXUM¹

Alexandra Gabriela de Melo da Silva², Daiane Dordete Steckert Jacobs³

1. Vinculado ao projeto “Vocalidades Performativas no Teatro Narrativo Feminista”.
2. Acadêmico do curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PROBIC/UDESC.
3. Orientadora, Departamento de Artes Cênicas - CEART – ddordete@gmail.com.

Este resumo é um relato da pesquisa feita durante o projeto Vocalidades Performativas no Teatro Narrativo Feminista coordenado pela Prof^a. Dr^a. Daiane Dordete Steckert Jacobs, do qual eu, Alexandra Gabriela de Melo da Silva, participei como Bolsista de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Discutimos durante a iniciação científica a tese “Possível cartografia para um corpo vocal *queer* em performance” da Prof. Dr. Daiane Dordete Steckert Jacobs e o livro “Queer Voices: Technologies, Vocalities, and the Musical Flaw” de Freya Jarman-Ivens. A partir dessas leituras e discursões pude ampliar minha percepção sobre a vocalidade em diversos aspectos antes nunca refletidos com profundidade. Isso refletiu diretamente no assunto escolhido para pesquisar, como olhar o objeto de pesquisa, quais parâmetros, metodologias e conceitos seguir.

Faço parte do Batuque do Rio Grande do Sul desde meus 13 anos. Iniciei o processo de estudar a vocalidade dentro do ritual e sua importância e significância em 2020 com a iniciação científica. Comecei com muitas questões e conflitos que foram tomando um outro aspecto e corpo diante das leituras feitas no grupo de pesquisa e suas discursões.

No culto do Batuque do Rio Grande do Sul ou Nação Jejê-Ijexá tudo é transmitido através da oralidade, os poucos registros são feitos pelos próprios filhos e filhas de santo em cadernos de fundamentos, durante a sua caminhada religiosa ou/e durante algumas Obrigações. Desta forma a tradição oral é nossa fonte em todos os quesitos religiosos e historiográficos. Cantamos em iorubá, rezas ou chamados axé/korin, cantamos, tocamos e dançamos em todos os momentos do nosso culto.

De acordo com Susana Nunes (2009, p. 37 *apud* Idrissou, 2020, p.19) a tradição oral é fonte histórica fundamental para muitos povos e possui particularidades sólidas passadas de geração em geração. No Brasil a tradição oral é pilar principal de sua cultura afrobrasileira e ainda hoje é responsável pela perpetuação de costumes, crenças, filosofias, histórias e hábitos sendo: “Fonte inesgotável de sabedoria, ela é a âncora para edificação da personalidade e da identidade comunitária” (IDRISSOU, 2020, p.19). Dentro de um terreiro a tradição oral é o fio condutor de tudo, assim como o canto, ritmo e musicalidade são indispensáveis para qualquer acontecimento na casa de santo. A palavra cantada é a energia vital, que transmite, flui (NOGUEIRA, 2009, p.28). Aprendemos os axés de cada orixá ouvindo, seja durante o ritual, no terreiro ou em casa por meio de músicas gravadas por tamboreiros/Ogans e disponibilizadas em plataformas digitais (atualmente). Assim, lidamos com a memória. Segundo Idrissou (2020, p.20) Isso acaba levando nossa relação com a memória a relações muito complexas de diferentes dimensões humanas, o que

amplia ainda mais os estudos sobre ela e cada um desses estudos gera suas próprias concepções e argumentos científicos.

Entretanto, a memória que aqui falamos é memória sensorial, corporal, gestual e assim como no Candomblé é completamente ligada ao corpo. Em gestos, expressões, distanciamento. O som da palavra possui fins sagrados (DOS SANTOS, 2014, p.113) e esse som não existe sem o corpo. De acordo com Dos Santos (2014) o aprendizado do iniciado é semelhante ao do ator de teatro, do performe. Pois a vocalidade performática presente no rito cumpre um papel decisivo. São gestos, coreografias que acompanham o canto dos axés em ritmos específicos para cada Orixá ou evocação realizada. A dramatização durante o xiré e em demais atividades do terreiro reforça fundamentos, memória, tradições e segredos pertencentes aquela comunidade.

Nesse processo me debruço sobre os axés/korin de Oxum, orixá das águas doces e reprodução feminina. Oxum é também o orixá que me rege e como filha carrego uma grande responsabilidade acerca das funções e conhecimento sobre esse orixá. Sendo assim a pesquisa foi direcionada aprofundar conhecimentos e aprender sobre a vocalidade performativa e poética dentro do ritual e mitologia dessa iabá. Pensando no corpo e voz indissociáveis na perspectiva de Adriana Cavarero que utiliza esse conceito a partir da inerência psicofísica entre corpo e voz (CAVARERO, 2012 apud JACOBS, 2015, P.22). Assim, podemos ir além na complexidade do rito em sua unicidade de elementos, podemos pensar a singularidade do corpo vocal sem fechá-lo em si mesmo mas como um corpo “[...]que se abre e acolhe o outro, afinando a música do corpo para os ritmos da vida” (CAVARERO, 2012, p. 81 apud JACOBS, 2015, P.22).

Palavras-chave: vocalidade, Batuque, oralidade.